

Um Desejo de Natal

Era dezembro e o tempo ia desafiando a época, o sol teimava em brilhar, aquecendo os dias, embalando as tardes, e preenchendo o horizonte de cores vibrantes. E naquele ano, Joana, uma jovem de quinze anos que aparentava já um corpo de mulher adulta, pela sua altura e firmeza. Contudo o rosto de menina denunciava-lhe a idade. Tinha uns olhos pequenos, mas muito pretos, tão pretos como as noite de inverno. Frequentava o décimo ano, era uma aluna aplicada, gostava de perder-se nos seus desenhos, e por isso decidiu fazer o secundário em artes, era a sua paixão.

Estava tal como sempre sentada em frente á secretária no seu pequeno quarto. Nele tinha um armário e uma estante para os poucos livros que recebia quando fazia anos. Lia um livro de ficção que tinha requisitado na biblioteca do lar. Vivia ali desde sempre, embora as assistentes lhe dissessem que chegou com apenas três anos, altura em que foi retirada à mãe que se deixou sucumbir pelos vícios. Já faziam doze anos desde que ali estava, no mesmo quarto, com a mesma colcha florida num tom já desmaiado, e os mesmo quadros pintados por ela que decoravam as paredes deslavadas que outrora teriam tido vida.

Todos os anos despedia-se de amigos que com ela cresceram e despedia-se com lágrimas nos olhos, contudo com um sorriso que lhe enchia o rosto e aquecia o coração. Via-as a terem a sorte de serem escolhidas por uma família.

Nesse ano, a semana da véspera de Natal estava a ser mais difícil do que o costume, sentia-se triste e desmotivada como era recorrente naquela época do ano, não que ela não fosse feliz, porque era, mas faltava-lhe descobrir o aconchego que só uma família lhe podia proporcionar. Mesmo que não o dissesse em voz alta, que não o exteriorizasse a ninguém, custava-lhe essa ausência que nenhuma auxiliar conseguia preencher. E custava-lhe tanto, que ás vezes fechava-se no quarto e deixava as lágrimas escorrem-lhe pelo rosto, porém rapidamente percebia a sorte que teve, de poder crescer num lar que lhe deu bons valores e a oportunidade de estar sempre rodeada de "irmãos" que de outra forma nunca seria possível.

Faltava apenas uma semana para o Natal e a Joana gostava dos preparativos que antecediam a época, as luzes, os doces, as histórias e por isso ajudava as assistentes na decoração, ao mesmo tempo que ria das parvoíces da Lara, uma das poucas pessoas com quem gostava realmente de conversar. Mas naquele dia acordou com uma sensação diferente que a incomodava, era como um remoinho que lhe atordoava as ideias, parecia-lhe que crescia mas de novo sossegava, trazendo-lhe por instantes alguma paz. Não sabia se era bom ou mau, mas estava a deixá-la desconfortável, a Lara continuou a contar as histórias que ouvia pelos corredores do lar, histórias dos amigos, dos professores ou dos voluntários que por lá passavam.

As crianças mais pequenas corriam excitadas de um lado para o outro, enquanto os adultos riam-se dessa alegria exagerada. Joana estava ainda mais irrequieta, uma vez que pela manhã lhe tinham avisado que a diretora queria falar com ela, não tinha feito nenhuma asneira, pelo menos que se lembrasse, daí o nervosismo ser ainda maior. A meio da tarde Joana dirigiu-se em passos apressados até à sala da diretora, bateu à porta e depressa ouviu em «entre» e o sorriso no rosto fê-la perceber que estava tudo bem.

Passou-se uma hora e a Joana saiu do gabinete com uma expressão impossível de decifrar, dirigiu-se para o quarto e deixou-se cair na cama, recordando na sua cabeça toda a conversa. Quando é interrompida por Lara que a enche de perguntas e Joana satisfaz a sua curiosidade.

Uns tempos depois...

Joana conheceu finalmente o casal de quem tanto a diretora lhe tinha falado, tinha feito várias conjecturas: de como seria o seu aspetto, quais seriam as suas profissões, se partilhavam o mesmo gosto pela arte. Mas quando os conheceu foi como se uma tela branca se pintasse de novo. Durante duas semanas fizeram programas juntos, visitou a casa deles, fizeram piqueniques e para Joana, Marta e Francisco, transmitiam-lhe a confiança que precisava.

No fim destas semanas a diretora disse-lhe que o casal que a tem ido visitar nos últimos tempos, queria adota-la. Naquele momento a Joana sentiu-se levitar uma emoção estranha percorreu-lhe o corpo, um conforto que nunca tinha experimentado. Mil questões, desabaram-lhe em cima. Na verdade Joana já tinha perdido a esperança de um dia ser acolhida por uma família, uma vez que já tinha 15 anos, mas agora parecia-lhe possível.

Estava fascinada com a ideia, e queria contar a toda a gente, saiu a correr pelo lar e encontrou a Lara que de imediato percebeu a origem daquele felicidade. Juntas num misto de já saudade e satisfação (porque também para a Lara aquele era um dia feliz) faziam planos e promessas de futuras visitas.

Já passada a algazarra da novidade, e deitada na cama, Joana preparava-se para adormecer, aconchegando-se nos cobertores e ajustado as almofadas, quando surge uma ideia que a faz deambular entre outros pensamentos. Aquele foi o seu último Natal no lar e isso pareceu-lhe fascinante, a possibilidade de descobrir uma nova realidade, a de uma família. Tratava-se de um desejo que durante muitos anos, preencheu a sua lista de presentes e neste ano sem se ter apercebido foi-lhe concedido. Com este pensamento na cabeça e um sorriso no rosto deixou-se adormecer, com a certeza de que se daria uma enorme mudança na sua vida.

Tudo na vida resume-se ao amor da família.

Célia Maria Araújo Nogueira

Nº telefónico: 925932053 / Nº do CC:

Dos 13 aos 16 anos